CARTA PASTORAL

Dom Pedro Carlos Cipollini

Bispo Diocesano de Santo André - SP

IN NOMINE IESU

Por ocasião do processo de Planejamento para Elaboração do 9° Plano de Pastoral e 10° ano como Bispo Diocesano

27 de maio de 2025

CARTA PASTORAL

Dom Pedro Carlos Cipollini

Bispo Diocesano de Santo André - SP

Por ocasião do processo de Planejamento para Elaboração do 9° Plano de Pastoral e 10° ano como Bispo Diocesano

27 de maio de 2025

Índice

Introdução 3

1. Em nome de Jesus, uma missão 6

2. Diálogo inicial para caminharmos juntos 10

3. História de fé e esperança de nosso Povo 13

4. Convite à unidade como dom e tarefa de todos 16

5. A sociedade em crise interpela nossa fé 21

6. Desafios sociais e eclesiais: sinais dos tempos 25

7. Luzes e sombras de nossa realidade eclesial diocesana 30

8. Um "Pentecostes" dinamizador: Primeiro Sínodo Diocesano 33

9. Perspectivas futuras: confiança e perseverança 36

Conclusão 42

Introdução

Meus irmãos e irmãs em Cristo, a todos, paz e bênçãos de Deus nosso Pai!

Devo dar graças a Deus por vós, irmãos e irmãs muito amados no Senhor, porque Deus vos escolheu para serem santificados no Espírito Santo pela fé em Jesus Cristo que receberam no Batismo (cf. 2Tes 2,13) e assim serem membros da Igreja!

Convido-os a voltar os olhos para o futuro de Deus, cheios de esperança. Esperança que o Jubileu em curso deseja reavivar em nossos corações com o lema : peregrinos de esperança.

No ano em que comemoro os 10 anos de início de minha missão nesta amada diocese, envio a todos os diocesanos e em especial aos agentes de pastorais, comprometidos com a vida de nossa Igreja diocesana, esta reflexão em forma de "Carta Pastoral".

Proponho-me com isso, colaborar com o momento de planejamento participativo do nosso 9º Plano Diocesano de Pastoral, no qual estão envolvidos vários segmentos de nossa Igreja local ou particular (Vaticano II, CD 11, LG 23) de Santo André.

Saúdo cordialmente o Bispo emérito. Saúdo o Clero com uma palavra de gratidão a todos, presbíteros e diáconos que trabalham nesta Igreja, com zelo e empenho admiráveis. Saúdo aos religiosos e religiosas, com seus carismas diversos.

Saúdo os irmãos e irmãs no santo Batismo, os leigos e leigas, e os nossos seminaristas. Saúdo em especial os que em nossa Igreja, estão comprometidos na construção do Reino de Deus, vivendo a acolhida e missão. Para vós sou bispo, pela graça de Deus que me

escolheu, embora pequeno, convosco, sou um fiel em Cristo.

Saúdo os cristãos de nossa Diocese, pertencentes às várias denominações. Todas as pessoas de boa vontade que trabalham pela justiça e a paz, valores evangélicos fundamentais na construção de um mundo novo, no qual haja sempre mais inclusão, partilha, justiça e comunhão, conforme o projeto de Deus. O Evangelho tem na Lei do Amor, sua lei maior , daí o dever de trabalhar pela "Civilização do Amor", expressão usada por S. Paulo VI, pela primeira vez em 17/05/1970, ela é a única capaz de nos trazer a paz, fazendo vir a nós o Reinado de Deus, pois "Deus é amor" (1Jo 4,16).

Olho com gratidão esses 10 anos que me deram a oportunidade de inserir-me na Diocese, sua realidade, seu povo, sua história e sua caminhada pastoral. Vejo quanta riqueza de vidas nós temos! Agradeço a todos pelo acolhimento e fraternidade a mim dispensados. Dos 15 anos de episcopado, que comemoro no dia 12 de outubro próximo, festa de Nossa Senhora Aparecida, dois terços deles estou servindo aqui no Grande ABC. Tudo é graça!

No espírito de "Igreja em saída missionária", tive oportunidade de visitar a Diocese, por todos os cantos, celebrando nas 106 paróquias e 254 comunidades, dialogando com as diversas realidades de cada uma. Conhecendo as várias faces das sete cidades do Grande ABC, assim como seu povo e suas alegrias e tristezas, me senti revigorado. Pude conviver com tantos irmãos e irmãs, padres, diáconos, religiosos e religiosas, consagrados e consagradas, seminaristas, leigos e leigas das muitas comunidades, dos diversos movimentos e pastorais e assim sentir o pulsar de nossa caminhada como Igreja. Somos uma Igreja dinâmica, generosa na caridade, unida na fé e esperança, uma Igreja viva em uma realidade urbana.

Admiro nosso povo - e nossa Diocese - presente nas sete cidades (Santo André, S. Bernardo, S. Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra), com os quais me identifico plenamente, no fraterno sentimento de pertença que nos une na solidariedade, a grande característica dos moradores do ABC. Bendigo a Deus por me ter dado a graça de estar sendo pastor deste

rebanho privilegiado. Admiro cada esforço e cada missão que vejo se realizarem, levados avante pela generosidade e abnegação de tantos padres, diáconos, leigas e leigos impulsionados pelo amor de Cristo, que nos uniu.

Vejo, também, o sofrimento e a insegurança de muitos e, a nossa necessidade de estar próximos de todos, com nossa ação evangelizadora unida à promoção da dignidade das pessoas. Graças a Deus nossa Igreja diocesana, a partir da fé e da oração, se fez nestes anos, "samaritana da misericórdia", com proximidade e diálogo constantes, com as várias realidades de nossa sociedade, nas quais estamos inseridos, indo às periferias existenciais em todas as dimensões e direções.

O Vicariato Episcopal para a Caridade Social é sinal concreto do olhar de nossa Igreja para os pobres. Segundo a fé cristã, não podemos separar a adoração a Deus, do serviço ao ser humano em especial os que sofrem: "O que fizerdes a um destes pequeninos é a mim que o fazes"(Mt 25,40).

A missão que Jesus Cristo confiou aos seus discípulos é a de anunciar o Evangelho. Este é o primeiro serviço que a Igreja presta à humanidade inteira. Para isso fomos chamados: para anunciar o Evangelho do Filho de Deus, Cristo Senhor, e, através dele, suscitar a obediência da fé em todos os povos (cf. Rm 1,1-5; Gl 3,5). Nossa Igreja de Santo André, cumpre o seu mandato, sobretudo quando testemunha, por palavras e obras, a misericórdia que ela própria recebe constantemente.

Convido você a ler esta carta que escrevi com coração de pai e pastor, na luz do Espírito Santo, para ficar gravada nos vossos corações (cf. 2 Cor,3,3).

Em nome de Jesus, uma missão

Capítulo 1

Escolhi como lema episcopal, "em nome de Jesus" (Cl 3,17), porque creio que Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida. Este lema, é um programa de evangelização: não em meu nome, mas no seguimento de Jesus Cristo. Por isso, sigo em frente, fiel ao Evangelho e a minha consciência. Assim, as primeiras palavras dirigidas à Diocese de Santo André quando aqui cheguei foram estas: "Abraço e acolho a todos com alegria. A Diocese é a Terra Santa do Bispo, peço licença a vocês para entrar em vossa, e agora minha Terra Santa também... venho para amar e servir a todos em nome de Jesus. De agora em diante vocês são minha família".

Jesus é a Boa-Nova, o Evangelho de Deus para a humanidade. Sendo o grande missionário do Pai, Ele mesmo é o primeiro e principal evangelizador. O modo de Jesus evangelizar deve definir o modo dos seus seguidores realizarem a mesma tarefa em todos os tempos. Ele age sempre como Aquele que serve, disposto a carregar os sofrimentos, os pecados e as incompreensões dos seus irmãos. Ele anuncia a Boa-Nova do Reino aos pobres e pecadores. Ele chama todos à mudança de vida, à conversão.

A Igreja é Corpo de Cristo, seus membros formam esse corpo místico de sacerdotes, profetas e pastores, povo de Deus, chamado à santidade pelo Batismo. Neste Corpo, neste Povo, alguns são chamados ao ministério ordenado a serviço de todos. São sacerdotes pelo sacramento da Ordem, a serviço da Igreja, que é povo sacerdotal, segundo o sacerdócio comum dos fiéis (cf. Ap 5,10).

Na Igreja o bispo exerce um ofício de amor, qual "pai e mãe" (cf. in Didascalia Apostolorum, II, 33, 1) do seu rebanho, que pastoreia

em nome de Cristo Jesus (cf. S. João Crisóstomo, in com Ad Col 3,5). Ele é sinal de unidade entre todos os grupos e segmentos de sua Igreja. Na pessoa do bispo, sucessor dos apóstolos, como princípio de unidade, a Igreja encontra sua unidade e harmonia, unindo os diversos ministérios relacionados à Palavra, à evangelização, catequese e ao serviço dos Sacramentos. A ele é confiada a missão de pastorear uma Igreja, junto com os presbíteros e o auxílio dos diáconos, fiéis e imprescindíveis colaboradores de seu ministério.

A função do bispo não é só vigiar, organizar e administrar a Diocese. No bispo, as funções de ensinar, santificar e governar estão intimamente ligadas. A tarefa de ensinar coloca o bispo como primeiro evangelizador da Igreja na qual foi constituído pastor. Portanto, o episcopado é o ministério que na Igreja local ou Diocese, recorda a todos a primazia do Evangelho e a verdadeira Tradição da Igreja. O bispo deve olhar para o futuro, fazer com que sua Igreja olhe com ele para o horizonte, onde está o amanhã da fé.

No meio de vocês sempre me esforcei para não ser bispo príncipe, de escritório ou omisso, e nisto fui muito ajudado por todos. Saí em missão, realizando a aspiração da Igreja como projetou o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*. Não me poupei, procurei pregar a Palavra, insistindo em tempo oportuno e inoportuno, procurando convencer, repreender e encorajando com paciência e doutrina (cf. 2 Tm 4,2). Peço desculpas se alguém se ofendeu com minhas falhas, de minha parte, nada tenho a perdoar, pois tudo é graça e Deus sabe de todas as coisas.

Hoje não é possível haver um esquema uniforme de evangelização, ou seja, todos fazendo a mesma coisa do mesmo modo em todo lugar. O papel do bispo será então, manter a unidade na diversidade.

Luzes para o nosso caminhar:

Nossa Igreja quer participar, qual fermento na massa, do crescimento e do progresso de nossa sociedade, impregnando-a do Evangelho, sendo sal e luz (Mt 5,13-14); foi o que Jesus nos mandou, e procuramos fazer em seu nome. Porque tudo o que diz respeito

aos seres humanos, diz respeito à missão da Igreja, a qual não pode abandonar o homem, cuja sorte está unida a Cristo. A Igreja não pode se omitir diante das exigências do Evangelho (cf. Mt 25).

É imprescindível que todos tenhamos em mente a absoluta necessidade do encontro pessoal com Jesus Cristo, para que haja realmente uma fé capaz de ser apostólica no coração de cada fiel, fé capaz de sustentar a missão. Nós o encontramos na Palavra, na Eucaristia e no pobre: "O encontro com Jesus Cristo através dos pobres é uma dimensão constitutiva de nossa fé nele" (Doc. Aparecida n. 257).

Nossa tarefa é proclamar que é bom crer em Jesus e viver o que ele ensinou porque nos traz alegria, o que é diferente de conforto ou contentamento. Enraizados em Cristo, poderemos resistir às insídias do Maligno, às tentações de desconfiança, do medo, do desespero e desencorajamento. Crer é esse agarrar-se a Jesus, fazer-se conduzir por ele na direção da meta.

O jubileu que estamos celebrando, convoca-nos a reconhecer que a esperança possui um nome e um rosto: Jesus Cristo. Convoca ainda a Igreja a assumir que, como corpo de Cristo, ela é o sinal visível do Senhor ressuscitado, cabendo-lhe a missão de semear e custodiar a esperança, fazendo-o, por certo, em atitude de diálogo com todas as instâncias que também cultivam a esperança. A Igreja quer sempre fermentar esperança, evitando o movimento inverso, isto é, que seja fermentada pelo joio da desesperança (Mt 13,24-30).

Nossa Igreja tem consciência de que no centro de sua pregação está o apelo à conversão e à transformação, a partir do encontro com Jesus. A centralidade da fé em Jesus Cristo, filho de Deus que se fez homem, é essencial para a articulação da pastoral diocesana, ele é ponto de partida e ponto de chegada. O encontro com Jesus suscita um enamoramento. Se enamora quando se percebe que o outro tornou-se mais importante que nós mesmos. É preciso "enamorar-se" de Jesus, para poder segui-lo de verdade.

Nossa Diocese quer continuar buscando uma renovação constante na sua pastoral. Deve continuar saindo de uma pastoral de mera conservação ou sacramental, para uma pastoral mais comunitária e missionária. Sabemos que a verdadeira renovação da Igreja não vai surgir somente de planejamentos e estudos, mas pressupõe impulsos espirituais, reflexão e coragem para experimentar a força do Evangelho assimilado, rezado e vivido, para poder ser testemunhado.

Servem de ajuda para nós, iluminando nossa reflexão e decisões, as coordenadas das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (CNBB - DGAE).

Desejo que nossa Diocese possa caminhar coesa na busca recíproca de proximidade e interação, que redundam em benefício não só para o bem do Clero, mas principalmente para o bem dos fiéis e da ação evangelizadora.

É fato que não estamos mais em uma cristandade, que pressupõe todos já serem cristãos ou virem a ser, mas é fato ainda maior que o anúncio do Evangelho da esperança deve chegar a todas as criaturas. Seremos verdadeiramente discípulos missionários se soubermos nos abandonar nas mãos de Jesus com toda confiança e colocar nele nossa esperança nesta vida e para a vida eterna.

Convidados por Jesus, lancemos as redes em águas mais profundas!

Diálogo inicial para caminhar juntos

Capítulo 2

Quando aqui cheguei, comecei uma roda de conversa com todos os padres e diáconos. Marquei encontro com grupos de padres para dialogar comigo sobre a Diocese, tomando café ou almoçando na residência episcopal em grupos. Nestas conversas, ouvindo a todos e cada um, pude sentir o pulsar da Diocese. Saber sobre o que estava bom e caminhando bem, mas também o que precisaria mudar ou melhorar. Quais os anseios e esperanças, desejos e propostas. Ao mesmo tempo fui ouvindo os leigos e leigas em vários encontros e instâncias.

Em especial ficou evidente em primeiro lugar, o longo caminho já percorrido e as muitas realizações. Ao longo dos anos muito foi realizado em cada período marcado com suas características e exigências próprias. Ouvindo e discernindo, percebi o desejo de todos quanto a uma maior unidade e entrosamento do Clero, mais dinâmica na pastoral e um plano de Pastoral que fosse efetivado na prática, num clima de comunhão e participação, e uma melhor organização econômica e administrativa, dando transparência. Necessidade da inclusão das periferias de nossa diocese ou seja: olhar a diocese toda a partir de suas periferias e não só do centro, como de costume.

Todos estes anseios vieram desembocar nas Visitas Pastorais Missionárias, momento privilegiado de contato do bispo com o povo e sua realidade, das periferias tanto geográficas como existenciais, num processo de renovação das comunidades paroquiais, nas mudanças de párocos e finalmente em um planejamento participativo da pastoral. Senti que nossa Igreja estava ansiando por tudo isso. Assim,

com a adesão da maioria do Clero e apoio dos fiéis, colocamos mãos à obra e pudemos conseguir os objetivos almejados.

Desta maneira, chegamos à realização do nosso Primeiro Sínodo Diocesano (2017-2018) com a proposta de colocar a Diocese, a partir da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, inserida no programa pastoral do Papa Francisco para a Igreja, numa linha de Acolhida e Missão, como grandes eixos da ação evangelizadora da Diocese, na perspectiva do Reino de Deus.

Isto está sendo maravilhoso, nossa Igreja cresceu e se expandiu, superando com coragem os momentos mais difíceis, como foi o da Pandemia de Covid-19. Através dos nossos Diretórios diocesanos, a organicidade da ação pastoral e da vivência comunitária, demos grandes passos, que nos fez uma Igreja mais comprometida e unida, mais próxima e sinodal, aberta ao diálogo e inclusão, sobretudo empenhada em um processo de conversão mais exigente ao Evangelho do Reino.

Luzes para o nosso caminhar:

Que nossa Diocese possa prosseguir na perspectiva proposta pelo Vaticano II, sendo Sacramento de Salvação, Corpo de Cristo e Povo de Deus Peregrino e das coordenadas do Sínodo sobre a Sinodalidade, cujo lema foi: "Por uma Igreja Sinodal, comunhão, participação e missão". É este o horizonte que o Espírito Santo aponta à Igreja hoje: a sinodalidade. Ela é, antes de tudo, uma disposição espiritual que permeia a vida cotidiana dos batizados em todos os aspectos da missão da Igreja (cf. Documento final n. 43). Praticando o estilo sinodal, pode-se fazer da Igreja uma voz profética no mundo de hoje.

Queremos ser uma Igreja sinodal! Isto quer dizer uma Igreja que se caracteriza como espaço no qual as relações podem florescer, graças ao amor recíproco, com base no mandamento novo deixado por Jesus (cf. Jo 13,34-35). A sinodalidade brota da ação do Espirito Santo, da escuta da Palavra de Deus, da contemplação, da conversão do coração e da participação na Eucaristia, que é a fonte

da comunhão e vida solidária da Igreja.

Vivemos hoje em uma época na qual é fácil se isolar, criar ligações apenas virtuais, à distância. Na teoria em contato, mas na prática sozinhos! A sinodalidade articula e dá vida à comunidade, através da conversão dos relacionamentos pois, "o nome da Igreja é sínodo" (S. João Crisóstomo).

Temos necessidade de crescer na sinodalidade, que impulsionamos quando realizamos nosso Primeiro Sínodo Diocesano, ou seja, de caminhar juntos de forma corresponsável para proclamar e testemunhar o Evangelho de acordo com a missão da Igreja, que nos foi confiada. A acolhida, a escuta, a paciência e o diálogo, inspirados pelo Espírito Santo, devem ser cada vez mais valorizados como uma expressão, que torna possível o discernimento em vista de um processo de tomada de decisões, que envolve todos e todas.

A comunidade eclesial carrega em si 2 elementos que devem se equilibrar, são a dimensão institucional/pastoral/organizacional e a dimensão carismática/missionária/criativa. Ambas as dimensões são necessárias e se apoiam uma a outra, sendo porém, o prioritário o princípio do amor que liberta.

Assim torna-se necessário articular os processos de discernimento e decisão comunitários, promovendo a participação dos fiéis com base numa responsabilidade diferenciada. O Sínodo dos Bispos afirma: "A tomada de decisão deve ser acompanhada e seguida de práticas de prestação de contas e de avaliação, em um espírito de transparência inspirado em critérios evangélicos"(Documento final n. 95). Não só a prestação de contas é necessária na administração, mas também na ação pastoral da Igreja.

Sigamos em frente com fé e coragem!

História de fé e esperança de nosso povo

Capítulo 3

Muitos marcos históricos nos recordam a longevidade e a riqueza da missão evangelizadora em nossa diocese. O espaço geográfico inicial era imenso, mas a missão, em que pesem os limites, foi bem desempenhada pelos que nos antecederam. A caminhada histórica de nossa Igreja Diocesana, na região do Grande ABC, foi devidamente e magistralmente delineada, na obra impressa para comemorar os 70 anos da Diocese, escrita por muitas mãos generosas e intitulada "Diocese de Santo André: história de Acolhida e Missão", editada pela Diocese de Santo André em 2023.

Podemos evocar "a nuvem de testemunhas" (Hb 12,1) de Jesus, que nos precederam nesta Igreja, construindo-a com fé e sacrifício. Foram bispos, sacerdotes e diáconos que se sucederam nesta diocese e deram suas vidas pela santificação do povo, seja pela celebração de Missas, da Palavra, administração do Batismo e demais sacramentos e sacramentais, absolvições concedidas, enfim, quantas graças derramadas abundantemente, por meio da presença da fé Católica em nosso território e sua ação evangelizadora sempre aliada à promoção humana!

Ao longo dos anos, a Igreja do Grande ABC foi crescendo em maturidade na fé e unidade, para prosseguir com empenho e ardor missionário, avançando para águas mais profundas, a fim de lançar as redes de uma nova evangelização (cf. Lc 5,4). Merece um especial destaque o compromisso dos leigos e leigas na evangelização de nossa Diocese, principalmente nas primeiras décadas após a criação da Diocese, período que coincidiu com o Concílio Vaticano II e o pós concílio. Aos leigos e leigas se devem a fundação de várias

comunidades, centradas na Palavra, na Eucaristia e solidariedade. Estas comunidades possuem muita força.

A vida da nossa Diocese está intimamente ligada à vida das sete cidades do Grande ABC. Somos fruto de muitas migrações e conjunturas que nos moldaram. Por isso, faz-se necessário que a Igreja, em sua tarefa de revelar o rosto de Cristo aos homens, esteja presente em meio a todas as realidades que compõem as nossas cidades, com seus contrastes e desafios, sendo sinal de esperança e fortaleza, em meio à violência, pobreza, descaso institucional, falta de políticas públicas eficazes, catástrofes climáticas e disputas ideológicas. Ser sal e luz do mundo: eis a nossa tarefa!

Quando olhamos para a história da nossa região, vemos quantos povos diversos por aqui passaram e deixaram traços de suas tradições e sua história neste território: desde os povos originários; a chegada dos portugueses; escravizados de diversas nações do continente africano, colonos e imigrantes de outras nacionalidades e migrantes de diferentes territórios do Brasil.

O Grande ABC das indústrias e dos operários, tem como marca a hospitalidade, generosidade e a convivência com a diversidade de pessoas. Em consequência, a Igreja presente em nossa Diocese, tem a missão de ser sinal vivo e constante de unidade e acolhida para todos os que aqui se encontram. Por isso, acolhida, missão e solidariedade, tem sido uma marca de nossa Igreja diocesana.

O catolicismo sempre esteve presente em nossa região. A fé, a esperança e o amor, não são meras atitudes humanas, mas um "lugar" de encontro e união entre o divino e o humano, entre a graça e a liberdade das pessoas, entre o céu e a terra. Temos sido uma Igreja de forte presença evangélica, doutrinal, sacramental e de admirável caridade, através de inúmeras iniciativas no exercício das obras de misericórdia.

A religiosidade popular é uma das marcas da presença da Igreja Católica em nossa região, como modo de manifestar e viver a fé. Para ser honesto, ao escrever a história do Grande ABC, deve-se

conhecer também um dos seus atores principais: a Igreja Católica aqui presente desde o início, em suas múltiplas ramificações.

Luzes para o nosso caminhar:

Precisamos portanto continuar a promover os leigos e sua ação na missão que lhes é própria, incentivando seu protagonismo na comunidade, na sociedade civil, na política, na cultura, etc. Bendito seja Deus por todos os agentes de pastoral que aqui trabalharam, os de hoje que trabalham e os que virão! Há absoluta necessidade que os leigos trabalhem em sintonia com o Clero, para o êxito da missão: a união faz a força! Os padres podem coordenar e estimular, mas por sí próprios não podem fazer tudo. Se não trabalharem em conjunto com os leigos, perderão o ânimo ou ficarão sozinhos.

Destaque especial merece a promoção da participação das mulheres na vida da Igreja. Elas são a maioria de nossas comunidades, além de serem as primeiras transmissoras da fé e colaboradoras na missão dos pastores, por isso devem ser valorizadas, respeitadas e preparadas para serem investidas nas funções e ministérios que a Igreja lhes designa que ocupem.

Continuemos a promover a formação do laicato, a fim de caminharmos unidos na diversidade. Em especial favorecer o contato com a Bíblia, que nos revela o mistério de Deus e com a Tradição da Igreja (Santos Padres), que iluminam nosso agir. A formação deve resgatar o sentido comunitário da fé, indicar caminhos para articular o ser Igreja, em uma sociedade que parece esquecer os valores cristãos. Deve ajudar a promover a ‘‘cidadania’’.

O grande desafio, que se nos impõe, não é somente pastoral em suas muitas vertentes, mas é também o desafio de nos mantermos unidos como Igreja diocesana, nesta época de polarizações. É a nossa unidade no ser e fazer, o que mais agrada a Deus, e que no final nos constitui como Igreja, Corpo de Cristo e Povo de Deus peregrino (cf. Vaticano II, LG cap. II). Pela sua unidade a Igreja profetiza! Não podemos perder esta perspectiva, perder o foco!

Convite à unidade como dom e tarefa de todos

Capítulo 4

Como percebemos estamos em uma mudança de época com uma crise global, a nível interno da sociedade secular e também a nível interno na Igreja. A fé cristã que enfrentou o ateísmo militante em tempos passados, hoje enfrenta um perigo maior: a indiferença e a desagregação. Somente o aprofundamento na fé e sua dimensão espiritual e existencial pode nos manter unidos e infundir a coragem necessária para testemunhar o Evangelho. A Igreja hoje tem que dar "alma" a uma realidade marcada pelo vazio, para que Cristo seja tudo em todos.

Assim, quero convidar nossa Igreja para que se una e continue intensificando sua comunhão e participação em todos os setores da vida eclesial, sobretudo na pastoral. Pastoral cujo cerne é o empenho missionário que deve nos animar em favor da Evangelização. Para isto necessitamos resgatar a Teologia trinitária, pois a Igreja brota do mistério da Trindade. Ela perpassa toda a vida da Igreja transbordando no sacramento da Eucaristia.

Tenhamos sempre presente a eclesiologia de "comunhão-participação", que é, qual sístole e diástole, movimentos necessários para que o coração funcione e haja vida no corpo, que é a Igreja, formada por discípulos missionários. Comunhão e participação pertencem à essência do ser Igreja, missionária do Reino.

Entra-se na Igreja pela porta do *batismo*. O batismo faz do batizado um consagrado para ouvir e anunciar a Palavra de Deus. Portanto, a grande tarefa, que nos é proposta, é alimentar com a Palavra de Deus, a Eucaristia e os demais sacramentos, a fé dos batizados. Todas as vocações nascem do batismo, base que sustenta

todos os ministérios. Devemos levar em conta que os fiéis também são ungidos pelo Espírito Santo em vista da missão (cf. 1Jo 2,20).

O batismo é o fundamento de nossa vida eclesial. É por ele que nos tornamos cristãos ao aceitarmos Jesus em nossa vida. No batismo se funda a identidade mística, dinâmica e comunitária da Igreja como Povo de Deus, sacerdócio santo (cf. Vaticano II, LG 11). No batismo Jesus nos reveste de si mesmo, condivide conosco sua identidade e a sua missão (cf. Gl 3,27). Todos na Igreja, pelo batismo, temos a mesma dignidade, a distinção está no serviço, no ministério que cada um ocupa na Igreja.

Qual colar de muitas e variadas contas unidas por um fio, da mesma forma, que a variedade e diversidade de situações e ações pastorais, estejam unidas pelo fio condutor do nosso 9º Plano de Pastoral, cujo processo de elaboração estamos agora vivenciando, e que, aprovado e sancionado, nos comprometemos a executar. A unidade na diversidade é nossa meta comum como Igreja unida na sua vida pastoral.

Só o amor a Jesus e à sua Igreja pode nos comprometer na busca da unidade. Especialmente a unidade da pastoral que exige uma conciliação de todos os programas particulares.

É evidente a importância da liderança e do papel central do ministério presbiteral na evangelização. Presbíteros e diáconos são como que os braços e pernas do Bispo na sua missão de Pastor do Rebanho. Por isso, exprimi minha preocupação inicial com os sacerdotes e o Clero de nossa Diocese, em inúmeros diálogos e encontros, sempre voltados para o bem dos presbíteros, mas também o progresso de nossa Igreja diocesana, à qual somos vocacionados a amar e servir na verdade e caridade. Isto ficou expresso na minha Carta Pastoral dirigida aos presbíteros de nossa diocese a qual quis intitular: "Amados no Senhor" e datada de 26 de junho de 2015. Jesus ao partir o pão na véspera de sua morte, na última ceia, confiou-lhes a tarefa de imitar sua quenose: entrega, abnegação, doação pela causa do Reino de Deus.

É preciso dizer também que, sem a unidade do presbitério e de todos os fiéis em torno de Cristo, o supremo Pastor e dos rumos traçados para a ação pastoral, não existe uma Igreja madura. A divisão nada constrói, tudo atrasa ou destrói. A unidade é expressão do amor trinitário, e, portanto, matéria-prima para a construção do Reino de Deus. Por isso pede o Mestre: "Que todos sejam um" (Jo 17,21).

O último Sínodo dos Bispos sobre a sinodalidade faz um comovido agradecimento ao Clero, que reforço aqui, como participante que fui deste momento da Igreja. Presbíteros e diáconos são chamados a viverem a fraternidade entre eles e caminharem juntos no serviço pastoral, sempre abertos a acolherem os fiéis em atitude de proximidade com as pessoas e unidade com o bispo (cf. Documento final n. 72-73). Diante da carência de sacerdotes, rezemos pelas vocações!

Sejamos unidos no essencial, em meio à pluralidade de ações evangelizadoras que a realidade nos for apontando a cada dia. Unidade na pluralidade: programa comum percorrido por caminhos diversos. Eis o nosso desafio: sermos um só tronco, com muitos ramos. Disse Jesus: "Eu sou a videira e vós os ramos" (Jo 15,5), replicados nas palavras do apóstolo Paulo: "Embora muitos, somos um só corpo em Cristo" (1Cor 12,12).

Nenhum modelo de Igreja é perfeito. A Igreja é Santa porque nela habita seu Senhor na força do Espírito Santificador, mas formada de santos e pecadores. No entanto o retrato da Igreja dos primeiros tempos nos inspira e nos ilumina como uma meta a ser alcançada (cf. Atos 2,41-47).

Luzes para o nosso caminhar:

Precisamos formar cada vez mais os fiéis para que tenham uma consciência esclarecida sobre o sentido do sacramento do batismo e o compromisso batismal. É necessário conscientizar todos os fiéis da dignidade batismal (cf. 2Pr 1,10). Consideremos o que diz o documento de Aparecida ao ressaltar, a partir do batismo, a unidade

vinculante entre Cristo, Reino e Igreja: "A condição de discípulo brota de Jesus Cristo como de sua fonte, pela fé e pelo batismo, e cresce na Igreja, comunidade onde todos os seus membros adquirem igual dignidade e participam de diversos ministérios e carismas. Desse modo, realiza-se na Igreja a forma própria e específica de viver a santidade batismal a serviço do Reino de Deus" (Doc. Aparecida n. 184).

Devido ao batismo os leigos são chamados a participar na ação pastoral da Igreja, como testemunhas de vida e com ações no campo da evangelização e da vida litúrgica. Constatamos um defeito tradicional da evangelização que recebemos: a falta de verdadeira Iniciação à Vida Cristã. Mesmo cristãos piedosos e engajados, muitas vezes, não tem consciência clara do que é optar por Jesus e seguir seu caminho em uma comunidade cristã.

Para isso é imprescindível a retomada da Iniciação à Vida Cristã que é o encantamento por Jesus Cristo, gerador da conversão de vida, vivência comunitária e o compromisso missionário levado avante por discípulos-missionários. Sem Iniciação à Vida Cristã e uma catequese organizada em nível diocesano, capaz de responder aos anseios das pessoas, continuaremos a ter a pastoral de manutenção fadada à extinção.

É urgente continuar implementando uma catequese capaz de promover o conhecimento de Jesus e do Evangelho, ajudar a mudar o coração, formando discípulos missionários empenhados na vivência comunitária, promoção da vida e transformação da sociedade. A formação de discípulos missionários começa com a Iniciação à Vida Crista e nela se enraíza, pois, não é possível compreender o batismo, senão no âmbito da Iniciação à Vida Cristã, afirma o documento final do Sínodo sobre a Sinodalidade (cf. n. 142).

Também a superação do clericalismo deve ocupar nossa atenção. O clericalismo desconhece a dignidade batismal de todos na Igreja, rompe a unidade: "O clericalismo, favorecido tanto pelos próprios sacerdotes como pelos leigos, gera uma ruptura no corpo eclesial que

beneficia e ajuda a perpetuar muitos dos males que denunciamos hoje" (Sínodo sobre a Sinodalidade - 2023-2024, Documento Final n. 74). O sacerdócio ministerial é vocação e missão, não profissão.

Dificilmente atingiremos a unidade pretendida se também não renovarmos o modo de administrar e gerir a economia na Igreja. Também a transparência e a prestação de contas são mais que necessárias, é um dever em vista da evangelização que precisa dos recursos para ser implementada. "O dinheiro deve servir, e não governar"(Papa Francisco, EG 58). É oportuno difundir mais o dízimo que promover festas e quermesses como meio de arrecadar recursos para manter a Igreja.

Assim, a partir da Iniciação à Vida Cristã e batismo, somos também convidados a valorizar a nossa Igreja particular, nossa Diocese, chamados à conversão de nossos relacionamento, para que sejam mais fraternos, passando da lei do preceito à lei do Espírito ou seja: não participar com espírito de domínio ou por obrigação, mas por amor, convicção, em espírito de serviço, devoção. A Igreja é nosso "eu" plural, devemos amar a Igreja e gostar de fazer parte dela.

Ressalto a importância do Centro de Pastoral Diocesano que acompanha os vários segmentos das pastorais de nossa Diocese, para reforçar a evangelização e as prioridades pastorais. Dado que, para conseguirmos efeitos práticos é preciso determinar prioridades.

A união faz a força e a fé faz acontecer!

A sociedade em crise interpela nossa fé

Capítulo 5

Acima de tudo, o que para nós é essencial, mais belo, mais atraente e, ao mesmo tempo mais necessário, é a fé em Cristo Jesus. A fé abre para nós o horizonte de Deus e da eternidade. Todos temos necessidade da fé em Deus, nos outros e em nós mesmos. Cada um de nós é chamado a proclamar a fé em Jesus Cristo com o testemunho de vida, o testemunho é o primeiro ato evangelizador, "o teste da verdade, a pedra de toque da evangelização" (S. Paulo VI in EN n. 21).

Percebemos que estamos mergulhados em uma grande crise em vários sentidos e direções. A humanidade sempre esteve em crise nas suas várias vertentes: na história, nas ideologias, na política, na técnica, na ecologia e nas religiões. A crise em si não é ruim pois faz crescer. Ela é uma ocasião para se converter, melhorar e ir avante com mais convicção. A crise é diferente do conflito. A crise é uma oportunidade de crescimento, os conflitos nos separam, nos fecham em nós mesmos e nos dividem.

Se repararmos bem, o Evangelho também nos coloca em crise, uma crise salutar, porém, que gera a saúde espiritual e a salvação. Nossa tendência é ler a realidade pela ótica do conflito, mas é preciso ler pela ótica da crise, que é algo positivo, porque a crise é própria de um corpo vivo e não de um corpo morto. É sinal de vitalidade e deve ser vivida com coragem, aquela coragem que Jesus nos pede e que o Espírito Santo nos ensina.

Neste nosso século tivemos já a situação de crise gerada pelo terrorismo (torres gêmeas - 2001), a crise da economia (2008), a crise migratória intensificada em 2011, a crise ecológica a partir de

2015, a crise da epidemia de Covid-19 em 2020 e por fim a crise das relações entre as Nações que estamos vivenciando atualmente a partir de 2024... Estamos em uma "policrise", ou seja, crises múltiplas, interligadas e sobrepostas ao mesmo tempo. Todas estas crises envolvem a Igreja testemunha de Jesus em meio a elas. Por isso o cristão não teme as crises.

No entanto, não podemos esconder o fato de que, em meio às crises, em vastas áreas do planeta, em que pese o aumento dos que adotam a religião cristã, a fé - como disse Bento XVI - "não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negada". É hora, portanto, de se empenhar com maior paixão sobre alguns temas vitais para nossa Igreja: a proclamação e a comunicação da fé, especialmente para as gerações mais jovens. Podemos até falar em evangelizar os batizados...E aqui está a centralidade do Querigma na vida e na missão da Igreja.

É bom nos perguntarmos: de que modo poderemos despertar o poder curador da fé, transformando assim uma Igreja, constantemente tentada a ficar centrada em si mesma, autorreferencial e de manutenção, em "hospital de campanha", como desejou o papa Francisco, para que ela seja sacramento e luz para as nações? Existem também outros desafios como a conversão missionária e sinodal das estruturas eclesiais e dos agentes de pastorais.

As novas culturas urbanas, nos interpelam com sua carga de desafios, mas também de questões de significado sem precedentes colocados pela cultura digital. Um desafio grande é que o sistema no qual vivemos, esvaziou a Tradição cristã do amor e da solidariedade colocando no lugar um só valor: ganhar dinheiro!

Se nós queremos saber qual a medida da fé autêntica, devemos procurar saber até que ponto a fé penetrou e transformou a existência e o coração da pessoa, e não tanto o que ela professa com palavras. Daí a pergunta fundamental, que a Igreja de Santo André se impõe neste momento de planejamento participativo da pastoral

para os próximos anos: Como sermos uma Igreja testemunha de Jesus Cristo na cultura urbana e digital na qual vivemos? Uma Igreja centrada na fé em Jesus e no anúncio do Reino de Deus? Igreja da acolhida, da proximidade, da vivencia comunitária e da missão?

Luzes para o nosso caminhar:

Já caminhamos bastante na busca de fazer da Liturgia um momento de celebração que é também de evangelização. Precisamos continuar promovendo a renovação litúrgica e a vivência da liturgia. Para isso temos no Diretório de Liturgia da Diocese, um guia valioso, juntamente com a Pastoral Litúrgica e o nosso Folheto Litúrgico Diocesano: ABC Litúrgico, que há muito nos ajuda a celebrar. Aos que desejam uma liturgia com os ritos antigos, digo que a verdadeira Tradição é conservar o fogo e não cultuar as cinzas do passado.

Além disso, aparece como imprescindível para a Igreja de hoje e de amanhã, uma conversão pastoral que nos faça colocar a Palavra de Deus em tudo na Igreja, em especial nas atividades pastorais. A animação bíblica da pastoral, a leitura orante da Palavra de Deus, especialmente entre os jovens, devem ser assumidas por todos nós. Creio numa renovação bíblica capaz de promover a criatividade pastoral focada na fé e vida. Que a bíblia esteja nas mãos de todos.

A formação bíblico-doutrinal, o amor e a meditação da Palavra, devem ser nossa preocupação contínua. Só assim cresce em nós a fé que nos guia nesta cultura da incerteza na qual estamos. Precisamos conhecer Cristo, meditar o Evangelho, para mergulharmos na Verdade, que nos liberta. Só assim poderemos reconstruir a vida solidária e as comunidades cristãs.

Nunca é demais repetir que precisamos melhorar a catequese em todos os níveis, em nossas paróquias. Sirva de estímulo a instituição de Ministros da Catequese, em nossa Diocese, conforme as normas emanadas pela Santa Sé (cf. Papa Francisco, *Antiquum Ministerium*), que se dará este ano ainda.

O Sínodo dos Bispos nos alertou sobre a difusão da cultura digital, que está alterando a percepção do espaço e do tempo, influenciando as comunicações e relações interpessoais, incluindo a recepção das verdades da fé. Esta realidade exige que dediquemos recursos para que o ambiente digital seja um lugar profético de missão. "A rede, constituída por conexões, oferece novas oportunidades para viver melhor a dimensão sinodal da Igreja" (Sínodo Sobre Sinodalidade, Documento final n. 113).

Os Meios de Comunicação Social e as novas mídias devem ser acolhidos e usados por nós na evangelização, incrementando uma eficiente Pastoral das Comunicações. Esta pastoral deve estar apta a colher e transmitir informações ao Centro de Pastoral, a todas as comunidades e agentes de pastorais. Sem tais informações a Igreja local, não raro, fica sem saber o que acontece.

Avancemos rumo ao futuro com esperança!

Desafios sociais e eclesiais: sinais dos tempos

Capítulo 6

Nossa visão da realidade também deve estar profeticamente atenta aos sinais dos tempos não só nas esferas, social, econômica, política e cultural, mas também na eclesial. É em meio a situações desafiadoras que a Igreja vive e é chamada a anunciar a Boa Nova da plenitude da vida para todos e todas (cf. Jo, 10,10) e a denunciar aquilo que atrapalha a expansão do Reino de Deus.

Nosso olhar sobre o mundo é um olhar de fé e esperança. Quantas maravilhas Deus opera na vida de seus fiéis! A ação de graças pela ação de Deus no mundo deve ser uma constante em nossa vida, por isso: "Alegrai-vos sempre no Senhor" (Fl 4,4). Nosso Primeiro Sínodo Diocesano, com a instituição do Vicariato Episcopal para a Coordenação de Pastoral, ajudou a impulsionar nossa ação evangelizadora diocesana, e aperfeiçoar sua articulação para que realmente funcionasse, implementando uma conversão pastoral. Nos esforçamos para sair do sacramentalismo de rotina, da acomodação e até omissão, que é uma falta grave também.

Porém, a alegria não nos deve impedir de ver a realidade de nossa sociedade em relação a Igreja. O Brasil não é mais um país católico, e existem muitos "católicos sem Igreja". Não só os evangélicos e pentecostais somam adesões, mas também o Espiritismo kardecista e religiões de matriz africana crescem, em especial em nosso Estado. Os postulados da Nova Era impregnam nossa cultura, exprimindo-se como religiosidade dispersa, plural, flexível e narcisista. Segundo o último censo do IBGE, cresce o indiferentismo, enquanto outro tanto da população se declara religioso mas "sem Igreja", ou sem religião ou ateu. A Igreja vai se diluindo no meio da sociedade,

porque há uma crise das instituições e vasto pluralismo religioso. Há também uma transformação do cristianismo.

Nas culturas tradicionais a tônica do cristianismo estava presente na sociedade; agora, cada um deseja definir livremente sua religião. A salvação é entendida como cura de males físicos, aquisição de bem-estar e riquezas. Pessoas machucadas, amedrontadas e angustiadas veem a religião como terapia. Assim, pede-se às religiões respostas práticas e imediatas, pois os apelos competitivos e consumistas envolvem as pessoas. Elas sentem necessidade da experiência do sagrado, mas não se comprometem com a prática da fé. A experiência religiosa é vista como consolo e solidariedade na solidão.

Há uma crise de sentido em nossa cultura e a sociedade acredita que pode agir como se Deus não existisse. Ao negar a existência de Deus, priva-se a sociedade do sentido da paternidade e da autoridade dela derivadas, e elimina-se a lei e a ética, pois, sem Deus, tudo é permitido. Não raro a religião pode se tornar fenômeno cultural e até folclórico. Enfim, é necessário tomarmos consciência da distância entre o Evangelho e o pensamento cultural atual.

Vivencia-se o fortalecimento do individualismo nunca visto, substituição da ética pela estética (preocupação mais em parecer do que em ser), e rejeição de qualquer compromisso duradouro: tudo se reduz ao financeiro. Não se adora mais um ídolo, simbolizado no "bezerro de ouro", agora se adora apenas o "ouro do bezerro". Em meio a tudo isto propagam-se as *fake news*, com base na mentira, como algo normal.

Nesse contexto, porém, a Igreja não deve ser pessimista, deve ser capaz de captar as boas novas seculares, que são as sementes dos processos de humanização e evangelização. Entre eles, destacamos os vários grupos e comunidades comprometidos com uma cultura de paz, com a acolhida de migrantes, defesa dos direitos humanos, com o respeito à diversidade, com a promoção do bem comum, com a tentativa de construir uma ecologia integral, com o desenvolvimento de iniciativas para a sustentabilidade econômica e com a promoção da participação política desde a esfera local até a mais ampla.

Também nos sentimos encorajados como Igreja, pela sensibilidade dos jovens em relação aos problemas ecológicos e sociais, bem como pela crescente conscientização dos direitos das mulheres de participar ativamente da sociedade e na Igreja, sem distinções sexistas. Hoje podemos ver nas famílias, que os homens participam e desfrutam da paternidade, compartilhando a responsabilidade pela educação dos filhos.

Há fome de vida, de sentido, fome de Deus, de conhecer Jesus! Temos um desafio considerável que o momento atual e os sinais dos tempos em nossa Igreja nos colocam: conduzir os católicos a um reencontro alegre e solene com as fontes maiores da fé, a partir da Palavra (Querigma) e da Liturgia (Mistagogia), a que aludimos acima. Estas fontes são os mistérios centrais da Trindade, da Encarnação, da Páscoa e Pentecostes. Somente a partir do reencontro com a luz desses mistérios, é possível "evangelizar" os batizados e fazer missão *ad extra*, dar testemunho eclesial de fé e amor.

A Igreja como comunidade de fé e vida, sofre as consequências da mentalidade predominante na sociedade. Aos poucos deixa de existir as relações sociais marcadas pela fraternidade, vizinhança, parentesco, predominando o individualismo no qual o indivíduo consumidor é que conta. Assim a crise de tudo o que é comunitário, reflete-se na comunidade eclesial, enfraquecendo o compromisso comunitário.

Neste contexto, dissemina-se a polarização, notam-se duas atitudes preponderantes: de um lado um agudo relativismo, fruto do secularismo que recusa o mistério de Deus deixando-se tomar pelo materialismo; de outro lado, posturas fundamentalistas, conservadorismo que, ao se fechar em determinados aspectos, desconsidera a pluralidade e o caráter histórico da realidade e da Revelação. Esta polarização está presente na sociedade brasileira e também penetrou na Igreja. Há o perigo do individualismo, afrouxamento da pertença, e até o indiferentismo pode se tornar comum. O perigo do fanatismo nos ronda!

Tais atitudes não podem ser percebidas meramente como produtos de uma ação evangelizadora ineficaz por parte da Igreja

no passado e no hoje. A Igreja, após o Concilio Vaticano II, fez um grande percurso expandindo-se na missão evangelizadora, como nunca antes. Embora existam alguns limites desafiadores desta ação evangelizadora, tais atitudes são sintomas de um quadro maior na sociedade como um todo, na qual a experiência de fé acontece em meio às carências vividas pelo povo, devido à troca da justiça social pelo desenvolvimento econômico. A busca do religioso pode se tornar um escape do sofrimento, com base na teologia da prosperidade, fuga para o emocionalismo e espetacularização da fé.

No final do século passado 85% da população do Grande ABC se declarava católica, mas hoje são perto de 46% os que se declaram católicos, sendo que a frequência às comunidades e a participação diminuem, como mostrou a pesquisa que encomendamos à Universidade de São Caetano do Sul, durante nosso Sínodo Diocesano. A humanidade entra em um ciclo de desenvolvimento tecnológico diferente de tudo o que já se vivenciou no passado. Basta pensar nas mudanças acarretadas pela Inteligência Artifical (IA). O que faremos, como Igreja?

Luzes para o nosso caminhar:

A Igreja é desafiada a mostrar que Deus habita a cidade. Em Jesus Deus está no meio de nós e nos convida a formar comunidades de fé e vida, vida nova no Espírito.

A transformação das paróquias é imprescindível e deve continuar. Elas devem olhar a realidade da cidade onde estão e não só olhar para o interior da Igreja. A nova forma da paróquia existir é sendo "comunidade de comunidades". Neste sentido me parece necessário incrementar a setorização já iniciada, para que isto aconteça. Sobretudo devemos incentivar as pequenas comunidades de fé e vida, círculos bíblicos e todo tipo de pequenas células eclesiais, ou comunidades eclesiais missionárias, que possam agrupar e reunir em torno da Palavra de Deus os fiéis mais próximos.

Estas pequenas comunidades são impulsionadas pelo amor de Cristo como espiritualidade e escolas de comunhão, local de

oração comunitária e fraterna. São destas comunidades creio eu, que vai brotar a alegria de crer, fundada na amizade com Cristo e entre os irmãos, a alegria de ser católico. A partir destas pequenas comunidades a evangelização se dá por atração, impulsionando para a amizade social (cf. At 2,41-47).

As pequenas comunidades são resposta a um contexto sociocultural em que a força dos relacionamentos humanos imediatos é um dos caminhos privilegiados da evangelização, pois cria vínculos fraternos, confiança e ajuda mútua. São "comunidades eclesiais de discípulos missionários". São lugares de encontro com Jesus na adesão ao Reino, crescimento na fé, escuta da Palavra e oração em comum. O que a fé indica como sentido para a vida cristã, a pequena comunidade realiza. Elas são resposta a um tempo de crise de pertença e identidade. Devem ser conectadas em rede para evitar o individualismo.

As "comunidades eclesiais missionárias são pequenas comunidades que devem favorecer a Iniciação à Vida Cristã, superando a catequese sacramentalista. Precisa-se urgentemente de uma evangelização baseada no Querigma e, sobretudo, do testemunho de vida de todos os membros da Igreja de cima abaixo.

Que Igreja queremos? Uma Igreja, casa da Palavra e da Eucaristia, em saída missionária vivenciada em pequenos grupos, reunidos em torno do Evangelho. Peregrina (abraâmica), acolhedora e entusiasmada por Jesus Cristo e o Evangelho do Reino do qual é missionária. Uma Igreja sustentada pela mística do amor cristão. Afinal, a Igreja que brota da Trindade, vive da espiritualidade de comunhão que nos impulsiona a formar pequenas comunidades eclesiais de fé e vida, unidas em rede, com a vocação de manifestar ao mundo, o amor e a justiça do Reino de Deus.

A proposta é: comunidade e comunhão, porque ninguém se salva sozinho!

Luzes e sombras da nossa realidade eclesial diocesana

Capítulo 7

Tudo que apontamos acima, em alegrias e tristezas, reflete-se a nível interno, em nossa Igreja diocesana.

Em primeiro lugar, a erosão do catolicismo devido ao enfraquecimento da vida cristã, manifesta-se no secularismo, como abandono da fé, da religião e da Igreja. Este é o maior desafio para a Igreja hoje. O relativismo que implica no abandono das leis da sociedade, dos mandamentos de Deus, da busca pela verdade, pois cada um decide o que quer. Passa a vigorar na sociedade, a lei do mais forte. Em segundo lugar, a iniquidade social, que na Bíblia é o mistério da iniquidade (cf. 2Tes 2,7) é o anti-Cristo, o anti-Reino, é o mal, organizado na sua realidade diabólica, que tenta destruir a obra de Deus: criação e criaturas.

Nossa região é um dos lugares mais ricos do Brasil, mas a iniquidade social está presente, fruto de um sistema injusto, gerador de opressão e exclusão, o qual impede a glória de Deus, que é o homem vivo e unido a Ele na sua dignidade.

A criação de nossa Diocese se deu no contexto do processo de industrialização do Grande ABC. Na metade do século XX, acelerou-se em nossa região o processo de industrialização, trazendo consigo o início de outro processo, o do secularismo, que, como já dito, tem incidência marcante na Igreja. Entre os anos 1950 e 1970, Santo André e São Bernardo experimentaram um crescimento demográfico acentuado, tornando-se uma realidade urbana num processo de conurbação, com todas as consequências que daí advieram, e das quais destaco o surgimento das favelas, com a pobreza e exclusão social. Esse processo, atingiu toda a região da qual fazemos parte.

Nossa Diocese, criada em 1954 reagiu à injustiça social e ajudou a forjar, de modo positivo, a sociedade no que tem de melhor e

que está aí em nossos dias. Nisto ela foi heróica, lutando contra a ditadura militar (1964-1985) e promovendo a justiça social, através das Pastorais Sociais (como, por exemplo, a Pastoral Operária, as CEBs e a Pastoral da Criança, que salva milhares de vidas).

Devido à urbanização, marca do processo de globalização, os problemas sociais se avolumaram. Entre eles, destacam-se a proliferação do uso de entorpecentes e a falta de segurança em aumento. Nos damos conta de que, cada vez mais, a região que compõe o território de nossa diocese está se transformando, a classe operária está desaparecendo. Estamos em uma época anti-comunitária, anti-eclesial. Estamos vivendo uma crise das instituições, como já disse. Como escreveu o papa Francisco, parece que se perdeu o coração (cf. in *Dilexit vos*). Isto tem incidência direta na sociedade que está surgindo dessa transformação, e consequentemente na religião, e em nossa Igreja de modo especial. Há muita religião e menos fé.

Apesar disso, muitos frutos temos colhido destes anos passados. Nossa Igreja buscou uma renovação da vida sacramental, da catequese, uma relativa renovação das paróquias; os leigos são dedicados e generosos, em sua grande maioria; há estima pelos sacerdotes; as paróquias procuram ser acolhedoras; a Igreja tem promovido a espiritualidade com o chamado universal à santidade.

Não podemos, diante desta situação, cair na tentação de sermos meros espectadores do que acontece. No caso das lideranças de nossa Igreja, ninguém "está" ministro, mas dever "ser" ministro, em todo lugar e sempre. É preciso agir em primeiro lugar com o testemunho de uma vida comprometida e empenhada com a ação pastoral: "A quem muito foi dado, muito será pedido" (Lc 12,48).

Luzes para o nosso caminhar:

A Igreja tem sido e deve continuar a ser presença viva do Evangelho, assim como Cristo foi presença viva do Pai e do Seu Reino. Se assim não o fizer, nossa Igreja pode correr o risco de, acomodada sobre os louros do passado, deixar que a missão enfraqueça e o Evangelho não seja conhecido: "O tempo se faz curto" (1Cor 7,29). Precisamos testemunhar, pois nós vencemos pelo sangue do Cordeiro e pelo testemunho (cf. Ap 12, 11).

Urge redobrar o ardor missionário para anunciar o Evangelho da

Vida. Temos de fazer perceber sua presença e sua mensagem: "Ai de mim se não pregar o Evangelho" (1Cor 9,16). A Igreja tem que ser presença viva do Evangelho, assim como Cristo foi presença viva do Pai e do Seu Reino. Neste sentido, o ponto chave é o conhecimento do sujeito que pretendemos evangelizar: o Grande ABC.

Precisamos esconjurar as sombras que rondam nossas comunidades: pastoral de conservação, falta de aprimorar a articulação pastoral, pouco ardor evangelizador e missionário, busca por espiritualidade individualista e ritualista, pastorais fracas, eclesiologia contrária ao Vaticano II, insuficiência de clérigos, clericalismo, formação insuficiente, divisões, falhas no testemunho de vida, pouco conhecimento da Palavra de Deus, e sobretudo, de empenho e compromisso na vida comunitária. Nas cidades, vários ambientes estão impregnados de preconceitos anticatólicos, devemos chegar até eles.

Que Deus nos dê coragem para mudar o que precisa ser mudado, alargando os locais da evangelização: "Igreja em saída". Há necessidade de uma conversão pastoral e estrutural, mudando aquilo que não mais contribui com a evangelização, de uma conversão espiritual, partir do encontro pessoal com Jesus Cristo, sua palavra e o testemunho pessoal e de uma conversão sinodal: para caminhar juntos. Mas sobretudo, precisamos de uma conversão das relações entre nós, para que sejam mais sinceras e fraternas. A conversão é um processo não somente racional, mas também emocional. Ela sempre nos direciona mais e mais ao Evangelho. Conversão, é uma das palavras chaves do Sínodo dos Bispos (2023-2024).

Nossa Igreja é chamada a continuar sendo, aqui no Grande ABC, sacramento de amor cristão, solidariedade e justiça, optando pela defesa da vida de seu início ao seu fim natural e pela justiça social visando o bem comum. Recordemos o que diz o apóstolo Paulo: "Proclama a palavra, insiste oportuna e inoportunamente, repreende, admoesta, exorta, com toda paciência e pedagogia" (2 Tm 4,2).

Nosso desafio é continuar, perseverantes no cumprimento daquilo que o Espírito nos pede, aprimorando a consciência sobre nossa vocação batismal.

"Um Pentecostes": Primeiro Sínodo Diocesano

Capítulo 8

O Espírito Santo é como a "alma" da Igreja, Ele faz da Igreja o seu mais excelente campo de atuação. A missão de Jesus culminou com o envio do Espírito Santo: "Os apóstolos instituíram e fundaram a Igreja participando e distribuindo aos crentes o mesmo Espírito Santo que eles receberam do Senhor" (S. Irineu, in Demonstratio nº 41). O Catecismo ensina que: "O Espírito Santo é o protagonista da missão eclesial" (CIC n. 852). Somente uma Igreja repleta do Espírito Santo será capaz de assumir o desafio da missão em meio aos dramas nos quais estamos envoltos.

Em nossa profissão de fé: "creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica", a Igreja é entendida a partir do Espírito Santo, como o lugar em que Deus, por Jesus, atua neste mundo: "Recebereis o poder do Espírito Santo e sereis minhas testemunhas" (At 1,8).

Nosso Primeiro Sínodo Diocesano (2017-2018) acolheu como lema justamente uma frase significativa da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do papa Francisco: "...o sonho missionário de levar a todos a alegria do Evangelho" (EG 31), expressando o desejo unânime de toda a Igreja local à sintonia profunda com o Espírito Santo para a reflexão acerca da caminhada na fé da Igreja do ABC. Nosso Sínodo foi um "Pentecostes "para nossa Igreja Particular.

No Sínodo que celebramos, cresceu a diocesaneidade, construída e sustentada na base sólida da espiritualidade de comunhão, alimentando em nós batizados a consciência de pertença à comunidade diocesana, na qual o mistério da Igreja, enquanto sinal do Reino de Deus, se encarna, se realiza e se torna acessível. Ficou claro o caminho a seguir na articulação pastoral, baseando-se em

duas grandes escolhas: Acolhida e Missão.

Acolhida: na Bíblia são descritas muitas formas de acolhimento, por parte de Deus e por parte dos homens. Acolher é receber, ouvir e cuidar de outras pessoas com calor humano, respeito e compaixão. Em Jesus, o amor expresso no acolhimento ao outro chega à plenitude, por meio de suas palavras e atitudes. Desta maneira a acolhida é um ato de fé em Jesus, por isso, a Igreja deve seguir o exemplo de seu Senhor e Mestre. Temos dado largos passos na acolhida em nossas comunidades, inclusive com a implantação da "pastoral da escuta cristã", assim vamos aperfeiçoando nosso acolhimento.

Missão: não há como ser cristão sem ser missionário, pois a Igreja é missionária por natureza. A comunidade cristã jamais pode se fechar para as diversas realidades que afetam o seu contexto. Missão como mandato de Jesus e tarefa constante. Também ficou muito claro que os cristãos leigos não podem ser uma alternativa à falta de clero para atender a pastoral, mas têm um lugar na comunidade que é seu, inerente ao seu batismo.

A "Constituição Sinodal", por ter sido elaborada com o resultado das pesquisas realizadas, da contribuição dos fiéis através de ampla consulta e do discernimento, tem valor normativo perene para nossa Igreja Diocesana, é um documento que tem no seu bojo as coordenadas mestras da ação evangelizadora para nossa Diocese, pois cremos que o Espírito Santo conduziu o processo do qual resultou. Basta pensar que ali, já era sinalizada a dimensão sinodal, caminhar juntos, como um dos princípios que anima a vida da Igreja (cf. Constituição Sinodal n. 111 - 113). Por isso, recomendo uma releitura deste documento de nossa Igreja local.

Luzes para o nosso caminhar:

Aos leigos devemos oferecer mais oportunidades de participação inclusive nos processos de discernimento e decisão, como já foi assinalado, na perspectiva da sinodalidade. Sentimos a necessidade de continuar incrementando em nossa diocese os Conselhos de Pastoral (CPP) em todos os níveis e também os Conselhos de

Assuntos Econômicos (CAEP), ambos já implantados em todas as paróquias, para os quais foram feitos Diretórios, que ajudam no seu funcionamento. Estes Conselhos colocam em destaque a centralidade de todo o Povo de Deus como sujeito e protagonista ativo da missão. É necessário que, em nossas comunidades eclesiais, cada cristão leigo e leiga seja valorizado por aquilo que seus dons oferecem à Igreja.

Seria bom se, prosseguindo nesta dinâmica, conseguíssemos fortalecer o COMIDI e incrementar também os Conselhos Missionários Paroquiais para impulsionar o agir missionário nos diversos âmbitos eclesiais, paroquiais e diocesanos. Não seria um novo movimento ou pastoral, mas instrumento de organização em vista da missão. Ser Igreja na cidade exige unidade na diversidade, mas também criatividade na missão.

Após a entrega da Constituição Sinodal Diocesana e promulgação do 8º plano diocesano de pastoral, as comunidades se viram empenhadas na acolhida e na missão, orientadas pelos itinerários que foram elaborados. Muitas atividades foram realizadas nos níveis paroquiais, forâneos e diocesano. Foram oito os itinerários que relembro: Convivência e oração comunitária, formação para o discipulado, conversão para o acolhimento, comunicação e evangelização, formação para a missão, visitas missionárias, ação solidária e setorização.

E aqui nosso horizonte se alarga para pensarmos nas crianças, jovens, mulheres, pessoas com deficiência, enfermos, os cristãos sem Igreja, os que não conhecem Jesus, etc. Devemos "missionar", dar continuidade a estas intuições e itinerários já percorridos, mas sempre a percorrer ainda, de começo em começo, por começos que não tem fim!

Perspectivas futuras: confiança e perseverança

Capítulo 9

O horizonte proposto para os discípulos missionários é o horizonte do Reino de Deus, que foi o centro da pregação de Jesus e que está expresso nas Bem-aventuranças e na oração do Pai Nosso. Somente o Reino de Deus é absoluto e tudo o que não se identifica com ele é relativo (cf. S. Paulo VI in EN 8). A fé vivida na perspectiva do Reino de Deus nos faz missionários porque a comunidade dos cristãos nunca é algo fechado sobre si mesmo. Jesus, Reino, Igreja, e sua missão evangelizadora, são inseparáveis.

Estamos no mesmo barco, lembrou-nos o Papa Francisco no momento de oração e reflexão da *Statio Orbis* em 27 de março de 2020, durante a pandemia da Covid-19. Lembrar disso nos permite descobrir a nós mesmos, como membros da mesma família e buscar oportunidades para avançarmos juntos, com uma nova visão da existência: "Renovai vossa inteligência..."(Rm 12,2).

Muitos frutos temos colhido nestes anos passados. Nossa Igreja diocesana, buscou renovação através de uma conversão pastoral, na perspectiva da acolhida e missão. Não podemos, porém, nos acomodar, ficarmos indiferentes, diante dos acontecimentos. É preciso buscar a participação de todos, participar é tomar parte. Tenhamos confiança e coragem, Jesus caminha conosco (cf. Mt 28,20).

Luzes para o nosso caminhar:

• *Missão evangelizadora articulada, orgânica e de conjunto.*

Sobre missão já falei o bastante. Somente recordo que a meu ver, hoje, no âmbito maior da caridade, o carisma mais importante é o carisma missionário.

Nossa realidade impõe-nos uma séria reflexão para continuar articulando um planejamento pastoral conjunto, orgânico, que forneça instrumentos para encontrar os meios mais eficazes para o cumprimento de nossa missão: evangelizar a realidade urbana em que vivemos! "A renovação eclesial passa também pelo esforço de uma ação pastoral pensada a partir da realidade social e eclesial, desembocando em uma pastoral orgânica, diocesana, de conjunto, à qual precisamos aderir com lealdade e entusiasmo"(cf. Diocese de Santo André - Constituição Sinodal n. 12).

Existem duas imagens opostas de Igreja: a Igreja mundana que vive em si e para si, e a Igreja em saída evangelizadora. Em meio às luzes e sombras, alegrias e sofrimentos da humanidade, a Igreja anuncia o Evangelho da Vida. A Igreja através de sua presença tem de tornar presente a mensagem do Evangelho. Por isso o planejamento pastoral é indispensável.

Portanto, vamos dar continuidade à pastoral orgânica ou de conjunto, com o devido planejamento tão necessário para dar coesão e foco nas nossas ações evangelizadoras que devem prosseguir na diversidade e unidade pois; a Deus aprouve santificar e salvar os homens não singularmente, sem nenhuma conexão com os outros, mas em comunidade (cf. LG 9). Assim também nossa ação pastoral, por mandato do Senhor, deve ser comunitária: evangelizamos juntos como Igreja (cf. Mt 28,19).

Lembremo-nos sempre de que a partir de Jesus, tudo na Igreja é serviço. Jesus nos ensinou que a verdadeira libertação está no servir. Procuremos evitar a dispersão na pastoral e concentrarmo-nos no essencial: Jesus, fé, formação, Iniciação à Vida Cristã, missão, defesa da vida e da família cristã e testemunho pessoal.

• *Pequenas comunidades enraizadas na Palavra, Oração (Eucaristia), Comunhão e Missão – Comunidades Eclesiais Missionárias (cf. DGAE).*

As palavras de Jesus sobre o pequeno rebanho (cf. Lc 12,32), nos inspiram a formar comunidades de discípulos missionários, integradas por pequeno número de pessoas que se encontram para se alimentar

da Palavra e da Eucaristia e viver as relações fraternas, no respeito à diversidade da cada um, na partilha e no sentimento de pertença a um núcleo comunitário concreto. Uma comunidade cristã se sustenta sobre quatro bases indispensáveis para se manter: escuta da Palavra e Deus, comunhão entre os membros, oração em comum, sobretudo a Eucaristia e a missão de testemunhar os valores do Evangelho (cf. At 2,42).

A evangelização requer amizade porque é transmissão de uma experiência, uma prática e não só transmissão de conceitos e ideias, daí o caminho apontado em direção às pequenas comunidades libertadoras. A verdade nos liberta porque não é uma abstração, é Jesus Cristo, uma pessoa, o Filho de Deus que se fez homem. A verdadeira conversão é vocação para seguir Jesus e inclui entrar em um grupo: encontrar Cristo "cabeça" requer encontrar a Igreja que é seu corpo. As pequenas comunidades propiciam este encontro libertador, pois estão centradas na Palavra, na Eucaristia e na vida comunitária. Elas tem poder curador.

Ao falar de pequenas comunidades não podemos deixar de pensar nas Famílias. Reparemos que quem mais sofre com as mudanças aceleradas no mundo de hoje são as famílias, devemos ajudá-las. Na luta pela sobrevivência, os laços de família são ainda os mais seguros.O Vaticano II fala-nos da família cristã como "Igreja doméstica". Deus é o autor do matrimônio e Cristo abençoou largamente a família, que é uma escola de humanidade (cf. GS 48). A família cristã proclama em alta voz as virtudes presentes no Reino de Deus (cf. LG 35).

Em nossos dias, num mundo muitas vezes estranho e até hostil à fé, as famílias cristãs são de primordial importância, como focos de fé viva e irradiante. É por isso que o II Concílio do Vaticano chama a família, segundo uma antiga expressão, "*Ecclesia domestica* – Igreja doméstica" (cf LG 30). É no seio da família cristã que os pais são, pela palavra e pelo exemplo, os primeiros arautos da fé para os seus filhos, à serviço da vocação própria de cada um e muito especialmente da vocação consagrada.

• *Empenhar-se para defender a vida e o princípio evangélico do amor-serviço a Deus e ao próximo, em especial aos mais fracos.*

Em nossa época há desprezo para os valores da civilização do amor, da vida e da verdade, por isso, nossa tarefa é o empenho da Igreja para que estes valores do Reino sejam difundidos e vividos. Valorizar a vida humana e aceitar o preceito do amor ao próximo é o que nos torna humanos, está na origem da humanidade.

A pessoa humana tem na vida seu maior bem, seu maior dom. Nunca como hoje a vida se encontra tão ameaçada. Existimos porque somos amados e criados por Deus. O dom da vida é razão de nossa alegria e gratidão ao Criador. Porém, a dignidade da pessoa é desconsiderada: o impacto dominante dos ídolos do poder, da riqueza, e do prazer efêmeros, são colocados acima do valor da pessoa. Nossa fidelidade ao Evangelho exige que proclamemos a dignidade da pessoa.

De nossa fé em Cristo nasce nossa solidariedade e o serviço aos excluídos. Os enfermos, anciãos, dependentes químicos, prisioneiros, migrantes, enfim, todas as periferias existenciais precisam ser tocadas pelo amor redentor de Cristo através da Igreja.

O "Evangelho da Misericórdia" e defesa da vida, desde seu início até seu fim natural é nossa bandeira. Infância e velhice são os extremos da vida humana colocados hoje em perigo tanto pelo aborto como pela eutanásia. A partir da cruz, a Igreja anuncia o Evangelho da misericórdia, que pelo amor à humanidade, escuta o clamor pela justiça e deseja responder com todas as suas forças.

Destaco aqui a opção pelos pobres. Sem exclusão de ninguém. É uma opção cristológica que nossa Igreja diocesana tem honrado sistematicamente. Doem em nós os rostos sofridos dos excluídos e descartados da nossa sociedade. A associação aos pobres corresponde ao caminho mais seguro da salvação. A Igreja em seu profetismo é a advogada dos pobres (cf. Doc Aparecida 553). Por isso, a nossa tarefa é fazer dos interesses dos pobres, os nossos próprios interesses e colocar a Igreja em movimento de saída de si mesma, em contato com os pobres (cf. Papa Francisco in EG 97). A misericórdia para com os famintos, os pobres, idosos e os que sofrem é a chave do céu (cf. Mt 25,34-40). Procuremos ser esta Igreja solidária (samaritana), sempre presente na realidade social.

Chamo a atenção aqui, para que desenvolvamos dentro do possível as pastorais sociais (cf. Doc. Aparecida n.399-405). E que possamos formar uma Escola Diocesana para ensinar a Doutrina Social da Igreja, que sirva de propulsora das pastorais sociais. A Doutrina Social da Igreja é um tesouro a ser revelado por nós à sociedade: "Muito nos pode ajudar o conhecimento da Doutrina Social da Igreja, que devemos conhecer e divulgar, a fim de implementarmos as pastorais sociais da Igreja na busca do bem comum e defesa da dignidade da pessoa humana" (Constituição Sinodal/ Dioc. Santo André n.11).

• *Resgatar a dimensão contemplativa da vida (espiritualidade) para ver a realidade de modo novo.*

Neste tempo de crises e buscas, Jesus deve ser para nós caminho e fonte de espiritualidade sadia, criativa e libertadora. Por espiritualidade entendo o estilo de vida de Jesus. Esta espiritualidade ou vida nova no Espírito é alimentada em nós pelo Espírito Santo. A necessária renovação interior do cristianismo e da Igreja só será possível, se nós, seguidores de Jesus aprendermos a viver acolhendo seu Espírito e seguindo suas inspirações. Para se chegar a isto, necessitamos aprender a fazer silêncio diante de Deus, ter consciência de sua presença em nós.

É a relação pessoal com Deus, que torna possível a confiança total Nele, isto se dá através da oração. Nela nos capacitamos para podermos realizar a vontade do Pai. Os momentos de oração, o silêncio contemplativo, a meditação, são maneiras de não nos deixarmos sufocar e escravizar pela vida hodierna.

Precisamos encontrar elementos para cultivar a espiritualidade que nos dá motivação, nos coloca "alma", pois a cultura urbana impede-nos de ter uma vida interior, ela é frenética e movida pela tecnologia, em meio à violência, medo e solidão, que são as três chagas da cidade. O povo esta cada vez mais "*workaholic*", trabalhando para sobreviver ou enriquecer e não sobra tempo para as pessoas e assim, elas ficam cada vez menos atentas ao que se passa dentro delas. O silêncio contemplativo, a meditação nos ajuda a escutar Deus, escutar os irmãos, aceitar nossos limites e estar em paz. O silêncio no cristianismo é uma das formas de revelação de Deus, por isso, em nossas celebrações

litúrgicas, o silêncio deve ter seu lugar.

A espiritualidade sadia nos alimenta com a mística, sem a qual não conseguiremos hoje ser cristãos verdadeiros. Como dizia um teólogo: o cristão do futuro ou será místico ou não será cristão. Místico, porque não age por obrigação ou auto-afirmação, mas porque é atraído por Deus. A mística nos ensina a vencer a tentação de achar que podemos fazer tudo e em pouco tempo, pior: de fazer sem Deus, só com nossas forças.

Seria bom prepararmos, motivar e realizar retiros espirituais e momentos fortes de espiritualidade para os agentes de pastoral. Somente uma espiritualidade robusta, que podemos chamar de "mística", nos ajudará a atravessar o deserto no qual parece estar nossa sociedade líquida, que vive a era do vazio.

Viver em plenitude é aprender a abrir-se para o mistério na certeza de que Deus nos ama. Devemos crer que há uma força poderosa que direciona o mundo rumo à solidariedade redentora: é o Espírito Santo que renova a face da terra e inspira os cristãos para o amor-serviço a exemplo de Jesus Cristo nosso Salvador!

Conclusão

O discernimento que temos feito como Igreja propõe-nos uma conversão pastoral que se inicia no coração dos pastores e perpassa as estruturas e métodos eclesiais, repercutindo sobretudo na conversão de todos os fiéis. É urgente portanto, uma conversão pessoal e comunitária a Jesus Cristo e seu Evangelho. Isto requer renovação da mentalidade e atitudes, das práticas e estruturas, superando modelos ultrapassados e investindo na corresponsabilidade de todos pela missão.

A busca de felicidade se direciona, hoje, sobretudo para os bens econômicos, propaga-se a ideia de que a felicidade é um bem privado, que se consegue para ser usufruído sem os outros. Impera a "ditadura do bem estar" centrado no indivíduo (obrigação de ser feliz a qualquer custo), no consumismo, e não mais na comunidade e no bem comum.

Diante disto devemos ir ao essencial e o essencial é a fé, o conhecimento e união com Jesus Cristo, a escuta da Palavra, a vivência comunitária do amor-serviço, na qual celebramos os sacramentos e vivenciarmos a missão evangelizadora.

Não estamos mais em um mundo permeado pelos valores do Evangelho, mas é aí que a Igreja é chamada a cumprir sua missão. Podemos ser cristãos em um mundo que não o é mais? Este é o desafio! Com Deus é possível vencer o individualismo e a indiferença, com a força do amor, este é nosso propósito. A transformação que ocorre no mundo tem consequências para a Igreja, ela deverá emergir mais simples, mais pequena e minoritária, mais evangélica e

solidária, mas também, mais parecida com Jesus Servo, seu Senhor.

Escreveu o papa Francisco: " O princípio da primazia da graça deve ser um farol que ilumine constantemente as nossas reflexões sobre a evangelização"(EG 112), portanto, animados e alegres, prossigamos nossa tarefa de ser Igreja em saída missionária, conscientes de que a obra é de Deus. Que não nos falte a esperança porque sua falta, fecha o caminho para a felicidade. Por isso, de esperança em esperança sejamos perseverantes.

Não é o dinheiro, nem a ciência ou a tecnologia que redime o homem. O homem é redimido pelo amor de Cristo derramado em nossos corações. Nossa fé exige a continuidade do engajamento de todos nós para assumirmos nosso Batismo, participando da vida de nossas comunidades, sendo uma Igreja toda ela ministerial, unida a serviço da missão evangelizadora.

Para que isto aconteça, invoquemos sempre o Espírito Santo, porque: "Sem o Espírito Santo Deus fica distante; Cristo permanece no passado; o Evangelho é letra morta; a Igreja, uma simples organização; a autoridade, um domínio; a missão, propaganda; o culto, uma simples recordação, e a prática cristã, uma moral de escravos. Mas no Espírito Santo, e com Ele, o Cosmo é elevado e geme em dores do parto do Reino; o homem luta contra a carne. Então: Jesus ressuscitado está aqui; o Evangelho é potência de vida; a Igreja significa comunhão trinitária; a autoridade é um serviço libertador; a missão, um Pentecostes; a liturgia é memorial e antecipação, e a ação humana é divinizada" (Ignácios Hazim, Patriarca de Antioquia, Discurso na IV Assembleia do Conselho Ecumênico das Igrejas em Upsala, 1968).

Nosso padroeiro diocesano, Santo André Apóstolo seja para nós modelo e intercessor.

Que Maria Santíssima, a mãe do Filho de Deus, Maria de Nazaré, seja para nós a estrela da evangelização, a nos guiar pelos caminhos que Deus tem preparado para nós. Na manhã de Pentecostes

ela estava entre os apóstolos e discípulos, para orar com eles e encorajá-los, para presidir na fé a descida do Espírito Santo, que ela já havia recebido na anunciação do anjo em Nazaré.

Coloco nas mãos de Maria, a Senhora do Carmo, padroeira de nossa catedral, o destino desta carta pastoral, a caminhada de nossa Igreja e os fiéis que dela fazem parte, e aos quais envio minha benção de pai e pastor que a todos carrega no coração.

Santo André, 27 de maio de 2025,
décimo aniversário de minha nomeação como bispo de Santo André, por mercê de Deus e da Sé Apostólica.

+ Pedro Carlos Cipollini

Dom Pedro Carlos Cipollini

Diocese de Santo André
www.diocesesa.org.br